

## A pesquisa em arquivologia:

um cenário em construção

José Maria Jardim

**Como citar:** JARDIM, José Maria. A pesquisa em arquivologia: um cenário em construção. *In:* VALENTIM, Marta Lígia Pomim (org.). **Estudos avançados em Arquivologia**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 135-153.

DOI: <https://doi.org/10.36311/2012.978-85-7983-266-6.p135-153>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"  
Campus de Marília



**CULTURA  
ACADÊMICA**  
*Editora*



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

## CAPÍTULO 7

### A PESQUISA EM ARQUIVOLOGIA: UM CENÁRIO EM CONSTRUÇÃO

*José Maria Jardim*

#### 1 INTRODUÇÃO

Até os Anos 90 do século passado, o conhecimento arquivístico foi gerado, sobretudo, a partir das práticas de gerenciamento de instituições e serviços arquivísticos. Não por acaso, boa parte desse conhecimento plasmou-se em manuais que, até 20 anos atrás, constituíam a base quase exclusiva daquilo que se entende por Arquivologia. Os modos do fazer arquivístico eram registrados, comunicados e ensinados com forte ênfase nas dimensões empíricas. Se essa visão predominante não impediu o amadurecimento de vários aspectos teóricos da disciplina, tampouco favoreceu a constituição de um cenário teórico com evidente densidade. Não por acaso, os arquivistas viram-se obrigados a repensar os universos teóricos, metodológicos e empíricos da Arquivologia a partir do quadro informacional que emerge em especial após a Década de 90.

Num quadro histórico de alterações frequentes do ponto de vista científico, tecnológico, organizacional, político, etc. a pesquisa em Arquivologia se faz cada vez mais necessária. A partir desse momento é preciso produzir conhecimento não apenas para as motivações mais imediatas de gestão arquivística, mas também para os cenários em vias de emergir. Não se trata mais apenas de produzir conhecimento para um programa de classificação arquivística a ser estabelecido nos próximos dois anos. Agora é preciso também investigar e obter respostas que reorientem esses programas de classificação nos médios e longos prazos, em um quadro das redes de informação, face aos usos remotos dos acervos, políticas e práticas de governo aberto, por exemplo. Atuar com eficiência sob essa dinâmica requer investimento em pesquisa.

A construção da pesquisa em Arquivologia suscita a frequente discussão sobre o próprio campo enquanto disciplina científica. Ao se fazer necessária a construção de agendas de pesquisa em Arquivologia é fundamental, portanto, refletir epistemologicamente sobre seus métodos, objetos, universo empírico, recursos teóricos e questões interdisciplinares do campo.

Torna-se aos poucos mais evidente, para outros campos das ciências sociais, a distinção entre pesquisa em arquivos (elaborada por cientistas sociais de maneira geral) e pesquisa em Arquivologia (produzido por arquivistas indagam sobre as diversas dimensões do fenômeno arquivística).

A produção de conhecimento arquivístico não poderia mais estar restrita aos espaços das práticas arquivísticas. A qualificação dessas práticas, por sua vez, demandava cada vez mais adensamentos teóricos e metodológicos.

A produção do conhecimento arquivístico passa a ser uma tarefa também das universidades, relativizando o domínio quase absoluto, ao longo de décadas, das instituições arquivísticas como espaços de produção e legitimação do conhecimento na área.

A indissociabilidade entre ensino, produção e difusão do conhecimento demanda novas posturas e diálogos entre universidades, instituições e serviços arquivísticos. Ampliam-se também as exigências de diálogos interdisciplinares.

Explorar as dimensões interdisciplinares da Arquivologia na pesquisa revela-se incontornável e supõe a identificação das suas possíveis fronteiras ao longo do tempo e na sua atual configuração histórica.

## 2 PERCURSOS DA ARQUIVOLOGIA COMO DISCIPLINA CIENTÍFICA

Refletir sobre a Arquivologia como campo de pesquisa requer o reconhecimento da sua trajetória, ainda que em linhas gerais. Couture e Ducharme (2005) lembram que se a Arquivologia é muito antiga como prática, é um fenômeno contemporâneo como disciplina.

Se a publicação do *‘Manual de arranjo e descrição de arquivos’* ou *‘Manual dos Holandeses’* por Muller, Feith e Fruin, em 1898, é um marco fundador da Arquivologia, a sua configuração como área está fortemente ligada à invenção dos arquivos públicos como instituição, a partir da Revolução Francesa e a um conjunto de práticas na organização dos arquivos do Estado moderno. A Arquivologia, saber de Estado, é filha do Estado moderno europeu. Surge fortemente associada, naquele momento, ao quadro de uma memória que ao constituir-se em lastro ao reconhecimento da nação configura-se numa narrativa autolegitimadora do Estado.

Até meados do Século XX, predomina o entendimento do arquivo histórico como objeto privilegiado da Arquivologia que se estrutura então como ‘ciência auxiliar’ da História. O fazer arquivístico exige do arquivista não apenas a teoria arquivística em seu estado de construção. Exige também conhecimentos da História e do Direito.

A crescente intervenção do Estado na vida social, sobretudo após a II Guerra, propicia a emergência dos princípios relacionados à gestão de documentos, especialmente no mundo anglo-saxão. A concepção de ciclo vital implica no reconhecimento de que os arquivos não devem mais gerenciar apenas um produto, mas um processo. A reconfiguração da missão de várias instituições e serviços arquivísticos reflete essa nova concepção. As tradições administrativas dos Estados nacionais, associadas nesse quadro histórico às condições de respostas, em cada caso, àquilo que se convencionou chamar de ‘explosão documental’, seguem influenciando fortemente as concepções de Arquivologia as práticas arquivísticas. Até

mesmo o entendimento do que é um arquivista ganha outras leituras. No mundo anglo-saxão, emerge, por exemplo, a distinção entre o arquivista e o gestor de documentos. Constroem diferentes perspectivas na formação profissional do arquivista. Ao menos no mundo anglo-saxão, ocorre uma forte aproximação da Arquivologia com a Administração<sup>1</sup>.

Nesse cenário histórico, o fazer arquivístico exige do arquivista não apenas a teoria arquivística e os conhecimentos da História e do Direito, mas também profundos conhecimentos da área de Administração.

Especialmente após os Anos 90 do Século XX, as novas formas de produção e uso da informação arquivística provocam novas questões em torno de aspectos teóricos e práticos da área. São questionados os objetos, os métodos, os princípios teóricos, as singularidades do documento digital, a web como espaço arquivístico, a perspectiva não custodial, o funcionamento das instituições e serviços, as formas de uso e transferência da informação arquivística, a preservação, a identidade do arquivista, a sua formação etc. Neste momento, tem início uma percepção segundo a qual os desafios da Arquivologia requerem processos inovadores de geração de conhecimento para além dos moldes consagrados até então. A pesquisa como uma das bases de renovação da área ganha espaço cada vez mais significativo.

Discute-se, nesse momento, de uma maneira muito frequente a disciplinaridade e a interdisciplinaridade da Arquivologia. A histórica relação da Arquivologia com outras disciplinas parece desnaturalizar-se. Ampliam-se as possibilidades de uma postura epistemológica, na qual zonas de interlocução da Arquivologia com outras disciplinas são requisitadas nas pesquisas.

Nesse contexto, o fazer arquivístico exige do arquivista não apenas a teoria arquivística ou conhecimentos da História e do Direito e da Administração. Requer também interlocuções com os estudos de tecnologias da informação, da Comunicação, da Sociologia, da Antropologia, da Ciência da Informação.

Simultaneamente, a releitura e ressignificados de princípios fundadores da Arquivologia, à luz da contemporaneidade, tem se revelado

---

<sup>1</sup> Para os que corroboram a distinção entre Arquivologia e Gestão de Documentos, a influência da Administração seria na segunda. Não é essa a perspectiva adotada nesta abordagem.

um exercício saudável no reconhecimento de novas indagações e no encontro de novas respostas. Essa atitude nada tem de conservadora. Ao contrário, é altamente ousada do ponto de vista intelectual, complexa e delicada. Sob essa dialética, envolvendo a leitura contemporânea do passado e os deslocamentos no presente que as ciências – no nosso caso, a Arquivologia – estabelecem percursos futuros.

Trata-se, portanto, nessa perspectiva, da Arquivologia enquanto disciplina científica que requer uma atitude científica sem, no entanto, que se resvale para uma interpretação cientificista redutora. Trata-se de uma Arquivologia que superou a era dos manuais e não merece ser interpretada apenas como um conjunto de normas.

Uma disciplina científica, segundo Heckhausen (1972), envolve sete critérios: o domínio material ou objeto de estudo; o conjunto dos fenômenos que são observados; o nível de integração teórica; os métodos; os instrumentos de análise; as aplicações práticas; e as contingências históricas.

Conforme Legendre *apud* Maheu (2008), uma disciplina é o “[...] domínio estruturado do saber que possui um objeto de estudo próprio, um esquema conceitual, um vocabulário especializado e, ainda, um conjunto de postulados, conceitos, fenômenos particulares, métodos e leis”.

Uma disciplina é uma atividade socialmente organizada, que pressupõe um discurso e uma prática que constitui um corpo de conhecimento envolvendo uma comunidade de especialistas dessa ciência. Supõe organizações científicas que reconhecem quem é ou não membro do corpo de cientistas, definem regras deontológicas e metodológicas. Uma disciplina científica pressupõe a existência de publicações especializadas, regras de qualidades para os trabalhos a serem publicados e apresentados nos congressos.

A Arquivologia atende rigorosamente a todos esses pressupostos? A resposta dependerá, no mínimo, do entendimento que se tem da área pela própria comunidade profissional e também da realidade de cada país. No caso do Brasil, por exemplo, Marques (2011) revela-nos:

[...] a Arquivologia no Brasil é, hoje, uma disciplina interpretativa de si mesma em sua alteridade, ou seja, simultaneamente palmilha os

caminhos da sua autonomia e tece relações com outras áreas. Apesar de ainda estar conquistando e se acomodando nos seus contornos científicos, já podemos visualizar a formação de uma disciplina científica no País, mesmo que multiforme e retalhada.

A compreensão da disciplina apenas em suas configurações nacionais – dimensão nada desprezível no caso da Arquivologia – pode sugerir uma visão restrita. A par das marcas nacionais da disciplina, a Arquivologia parece atender de forma razoavelmente assimétrica aos diversos requisitos que permitem caracterizá-la como uma disciplina científica ‘amadurecida’. Esse é um tema que, em si mesmo, ao constituir-se num convite à produção de novos conhecimentos, reforça a pesquisa como elemento nuclear no desenvolvimento da Arquivologia.

A identificação das questões sobre a disciplinaridade da Arquivologia sugere a reflexão sobre alguns elementos em torno da sua interdisciplinaridade.

A história da Ciência revela, especialmente a partir do Século XX, sob o norteamo da racionalidade capitalista, uma forte tendência daquilo que vários autores chamam de fragmentação do saber, ou seja, um quadro de excessiva especialização científica.

Se, de um lado, a fragmentação da ciência favoreceu diversas conquistas científicas em vários momentos, por outro lado, este seria um obstáculo a novos avanços científicos. O excesso de especialização impediria hoje uma percepção mais ampla do real e diminuiria as possibilidades da ciência enquanto conhecimento efetivamente a favor do desenvolvimento humano e social. Nesse cenário, o cientista é convidado a um olhar não exclusivamente especializado, mas também transversal.

Como menciona Pombo (2005, p.9), “[...] o progresso da investigação faz-se, cada vez mais, não tanto no interior dos adquiridos de uma disciplina especializada, mas no cruzamento das suas hipóteses e resultados com as hipóteses e os resultados de outras disciplinas”.

O projeto interdisciplinar ganhou bastante adesão do mundo científico. Não há dúvidas de que se trata de uma perspectiva extremamente rica. A interdisciplinaridade segue um curso que, a essa altura, independe, em boa parte, de uma decisão individual de um cientista ou de um grupo

de cientistas. Isso se dá na medida em que a interdisciplinaridade tende a constituir-se praticamente num imperativo para a reflexão contemporânea de fenômenos que podem ser reconhecidos por diferentes campos de conhecimento (POMBO, 2005). Paralelamente, esse reconhecimento parece convidar a certa banalização do termo, ou seja, tudo fica muito interdisciplinar no discurso. Como que na prática, efetivamente, conseguimos diferenciar a interdisciplinaridade para além da retórica sedutora, convidativa e, de imediato, extremamente rica? E afinal de contas, o que é isso? O que é interdisciplinaridade?

A minha proposta é muito simples. Passa por reconhecer que, por detrás destas quatro palavras, multi, pluri, inter e transdisciplinaridade, está uma mesma raiz – a palavra disciplina (que nós falamos há pouco). Ela está sempre presente em cada uma delas. O que nos permite concluir que todas elas tratam de qualquer coisa que tem a ver com as disciplinas. Disciplinas que se pretendem juntar: multi, pluri, a ideia é a mesma. Juntar muitas, pô-las ao lado uma das outras. Ou então articular, pô-las inter, em inter-relação, estabelecer entre elas uma relação recíproca (POMBO, 2005).

Nesse quadro de transformação epistemológica do plano científico, Pombo (2005) sugere-nos que “[...] onde nós esperávamos encontrar o simples, estamos encontrando o complexo, o infinitamente complexo [...] quanto mais fina é a análise, maior a complexidade que se abre à nossa frente”. E, portanto,

[...] o todo não é a soma das partes. Sem interesse real, e isso é fundamental, por aquilo que o outro tem para dizer não se faz interdisciplinaridade. Só há interdisciplinaridade se somos capazes de partilhar o nosso pequeno domínio do saber, se temos a coragem necessária para abandonar o conforto da nossa linguagem técnica e para nos aventurarmos num domínio que é de todos e de que ninguém é proprietário exclusivo (POMBO, 2005).

A interdisciplinaridade ou outros graus de relação da Arquivologia com outras disciplinas vem sendo mais explorada pela própria Arquivologia. Sob a perspectiva de Pombo (2005) a reflexão sobre a interdisciplinaridade da área requer o mapeamento de possibilidades de cruzamento de hipóteses da Arquivologia, de resultados da Arquivologia com as hipóteses e resultados de outras disciplinas.

Todas essas demandas e indagações são atualmente inerentes ao trabalho do arquivista em diversos planos de sua atuação.

A Arquivologia, desde os seus marcos fundadores, é uma disciplina com vocação multi, pluri e interdisciplinar.

Em todas as atividades arquivísticas, o arcabouço teórico e os métodos e técnicas da Arquivologia são acionados, evidentemente. No entanto, arquivos não são gerenciados apenas com os instrumentos teóricos e metodológicos da Arquivologia.

A Arquivologia requer, em diversos momentos e em graus variados, da Administração, da História, do Direito, da Sociologia, da Antropologia, da Ciência da Informação, da Ciência da Computação e outros campos de conhecimento.

Neste sentido, comenta Couture em entrevista a Barbara Roth e François Burgy:

Estamos convencidos que existem problemáticas transversais que partilhamos com as ciências da informação<sup>2</sup>. A avaliação, a preservação dos suportes, a gestão dos serviços de informação, a utilização das tecnologias são alguns exemplos. Mas não se pode mais limitar esses contatos às ciências da informação. Nós acreditamos que é tão pertinente falar de multidisciplinaridade quanto de interdisciplinaridade. Assim, precisamos explorar as trocas com domínios como o direito, a administração e a gestão, a museologia, a história, as ciências políticas e outras [...] Temos, nós também, muito a aportar! Essas trocas nos permitem nos posicionar e conferir a nossa disciplina uma credibilidade (BURGY; ROTHET, 1998-1999, tradução nossa).

A essa altura, do ponto de vista da história das ciências, talvez seja afirmar como uma hipótese bastante razoável, que a perspectiva interdisciplinar na área de Arquivologia, começa a alcançar graus de consolidação bastante nítidos. Um bom exemplo encontra-se no projeto de pesquisa *International Research on Permanent Authentic Records in Electronic Systems* (InterPARES). O InterPARES, envolve a Arquivologia, a Ciência da Computação, Filmes, Geografia, História, Direito, Biblioteconomia e várias outras áreas.

---

<sup>2</sup>No original, 'Sciences de l'information'.

Vale ressaltar que essa perspectiva interdisciplinar é uma vertente em construção. Acolhe profissionais que dela partilham, tanto quanto é objeto de discordância de outros. Esse, aliás, é um dos embates do campo, expresso basicamente em três visões:

- a visão da Arquivologia com um campo autônomo, com bases consolidadas e, de certa forma, ciência auxiliar da História (essa autonomia não significaria, porém, insulamento porque os diálogos com outras disciplinas são um imperativo do quadro científico atual);
- a visão da Arquivologia como uma disciplina que constitui uma subárea da Ciência da Informação (uma visão que ganha espaço especialmente no Brasil, como resultado de circunstâncias históricas e, mais recentemente, políticos-institucionais);
- a visão de Arquivologia, assumida nestas reflexões, como uma disciplina científica em permanente construção, dotada de autonomia, porém exercida em diversos aspectos mediante relações interdisciplinares com a História, a Administração, a Ciência da Informação, a Biblioteconomia, a Museologia, a Sociologia, etc. Essa é hoje a minha perspectiva.

### 3 A PESQUISA EM ARQUIVOLOGIA

A literatura sobre a pesquisa em Arquivologia tende a destacar, sobretudo, os principais elementos temáticos que podem ser contemplados. São menos evidenciados aspectos relativos às escolhas teóricas e opções metodológicas, seus problemas e formas de contorná-los.

Couture e Ducharme (2005, p.63, tradução nossa) afirmam:

Como é o caso em qualquer disciplina, a pesquisa em Arquivologia evolui lentamente. A maioria dos autores concorda que a pesquisa em Arquivologia é essencial para o desenvolvimento da profissão. A era eletrônica obriga os elementos mais dinâmicos da nossa profissão a encontrar soluções para abrir novos caminhos. Embora possa ser modesta, a pesquisa de arquivos está em boa forma.

Como definir 'pesquisa em Arquivologia'? Conforme Lopez Gomez (1998, p.38),

Por investigación archivística podemos entender (6) la que se realiza sobre cualquier tema o cuestión referida al área de conocimiento de la Archivística: formación profesional, conservación, selección, organización y descripción de los documentos, acceso, recuperación de la información, archivos en su unidad y diversidad, historia de los archivos, gestión de documentos, administración de archivos, terminología, arquitectura de los edificios de archivos, preservación, etc. En resumen, podríamos afirmar que nada de lo que toca a los archivos nos debe ser ajeno, desde la génesis de los documentos, hasta su eliminación, o incorporación a un depósito de custodia permanente, pasando por todas las operaciones relacionadas con su uso, acceso, custodia física e intelectual, difusión y fomento.

Indagado sobre o que entende por pesquisa em Arquivologia, Couture responde:

Fazer pesquisa em Arquivologia é essencialmente colocar problemas próprios à disciplina e tentar encontrar respostas satisfatórias. ... Quando nos interrogamos sobre nossos princípios, nossos métodos de trabalho, nossas intervenções, nossas atividades, nossos modos de funcionamento; quando nos colocamos em questão e tentamos ver se existem outras maneiras de fazer, nós inserimos nossas ações num processo de pesquisa [...] A ligação entre o estado de desenvolvimento de uma disciplina e a pesquisa é muito estreito. Pode-se mesmo afirmar que, sem a pesquisa, uma disciplina, qualquer que seja, não evoluiria e o ensino dessa disciplina se tornaria rapidamente repetitivo [...] Na Arquivologia, questionamentos ainda estão por ser inventados, métodos de pesquisa específicos ainda por serem descobertos. A vivacidade de uma disciplina se mede pela riqueza de interrogações que ela gera (BURGY; ROTHET, 1998-1999, p.6, tradução nossa).

Segundo Gracy (1992) os campos de pesquisa devem ser limitados: “[...] objeto e finalidade da Arquivologia, papel social do arquivista, situação da disciplina no campo de conhecimentos, princípios e conceitos arquivísticos, gestão de serviços de arquivos, funções arquivísticas, tecnologias e outros”. O autor destaca em especial os documentos digitais.

A pesquisa em Arquivologia, conforme Pederson (1994) abrange: “1) Natureza da informação e dos documentos históricos 2) História social e institucional 3) Arquivos e sociedade; 4) Ética, tecnologias da informação e outros problemas colocados aos arquivos; 5) Funções arquivísticas; 6) Gestão de programas e serviços de arquivos”.

Gilliland e McKemish, (2004, p.1), reconhecem, após os Anos 90, o desenvolvimento da pesquisa em Arquivologia em função da ampliação de fatores como: o doutoramento, os veículos para a publicação dos resultados, do financiamento à pesquisa, os programas de educação arquivística, as possibilidades transdisciplinares e colaborações internacionais, além dos métodos e ferramentas de pesquisa inovadores produzidos para investigações cada vez mais complexas.

Couture e Ducharme (1998-1999), no clássico artigo *‘La recherche en archivistique: un état de la question’*, identificaram nove campos de pesquisa, resultado de uma enquete que envolveu 74 (setenta e quatro) serviços ou instituições de ensino arquivístico e 230 (duzentos e trinta) pesquisadores de 70 (setenta) países:

Quadro 1: Campos de Pesquisa em Arquivologia.

Campo de Pesquisa <sup>3</sup>	Descrição do Conteúdo
Objeto e finalidade da Arquivologia <sup>4</sup>	Arquivos como objeto (informação/documento/ <i>record</i> ) Objetivo: preservação, acesso, eficiência administrativa, etc. Utilidade dos arquivos
Arquivos e Sociedade	Papel e lugar da Arquivologia na sociedade Arquivologia como disciplina Arquivologia como profissão
História dos Arquivos e da Arquivologia	História dos arquivos Desenvolvimento dos princípios e fundamentos da Arquivologia
Funções arquivísticas	Produção documental, avaliação, aquisição, arranjo, descrição, preservação, acessibilidade
Gestão de programas e serviços arquivísticos	Teoria e prática das organizações Planejamento e avaliação de programas Gestão, marketing e relações públicas
Tecnologia	Informática aplicada aos arquivos Informação, telecomunicações e redes

<sup>3</sup> Tradução nossa.

<sup>4</sup> No original, *‘Archival Science’*.

Tipos de mídias e arquivos: documentos eletrônicos	Arquivos audiovisuais, eletrônicos, iconográficos e textuais Microformas e outros meios ou tipo de arquivos
Ambientes arquivísticos	Instituições governamentais Instituições de ensino e pesquisa Instituições religiosas Outras instituições
Questões específicas relacionadas com os arquivos	Ética Acesso à informação e privacidade Outros

Fonte: Elaborado pelo autor.

Hernández Olivera *et al.* (2011, p.1-2) identificam os avanços da Arquivologia, mas consideram a pesquisa como fundamental para a sua consolidação.

Si reconocemos que en el progreso de toda disciplina científica hay dos actividades de carácter esencial – la creación de conocimiento con la consiguiente difusión y su aplicación posterior – tenemos que concluir que la archivística debe apostar por un modelo en el que la investigación y la innovación se vean como actividades intrínsecas y se desarrollen de forma sistemática. El esfuerzo realizado en las últimas décadas por mejorar la situación de la archivística debe complementarse ahora con un mayor énfasis en la investigación y en la transferencia de los resultados de investigación [...] será necesario desarrollar una elevada actividad en materia de investigación científica y tecnológica [...] La realidad nos indica, sin embargo, que estamos todavía lejos de ese nivel, como demuestra el análisis de la producción científica que se desprende de los pocos estudios sobre investigación archivística con que contamos.

Os mesmos autores destacam, num cenário de uso intenso das tecnologias da informação, alguns aspectos característicos do panorama da pesquisa em Arquivologia nas últimas décadas: o surgimento de uma cultura de cooperação internacional, as reflexões sobre uma Arquivologia pós-custodial, a perspectiva pós-moderna da Arquivologia e os elementos teóricos em torno da noção de ‘*records continuum*’<sup>3</sup>.

<sup>3</sup> A noção de ‘*records continuum*’ é um contraponto ao modelo de ciclo de vida arquivístico. Conforme Hernández Olivera *et al.* (2011, p.8), “Se rompe con la línea secuencial promoviendo unos procesos que se pueden producir de manera continuada pero también de forma simultánea y reiterativa. Es decir, los documentos pueden

Apesar das crescentes reflexões e práticas de pesquisa em Arquivologia, o tema suscita inquietações que vão desde a dimensão científica da área até os métodos e teorias acionados no processo investigativo.

Ao comentar uma jornada de estudos organizada pela *l'École des Chartes* e a Associação dos Arquivistas Franceses, em janeiro de 2003, Hottin (2003, p.101) destaca:

Erik Ketelaar [...] observou em sua discussão introdutória da tarde que o saber arquivístico é construído basicamente em torno de perguntas como “o quê?” e “como?”, mas raramente em torno da pergunta “por quê?”. Pode-se acrescentar que, para qualquer projeto científico, mas particularmente para uma ciência relacionada ao humano, a ausência desta terceira pergunta coloca problemas singulares... Entre os grandes temas de pesquisa na Arquivologia contemporânea não apareceu o “por quê?” dos arquivos. O arquivo parece ser algo óbvio e essa evidência nunca é questionada, nem são questionados a natureza e o contexto de elaboração das práticas normativas e seletivas realizadas em instituições arquivísticas. Predomina a pergunta “O que?” (na seleção e eliminações). Quanto ao “como?” é, sobretudo, um “como fazer?” (nas normas ou na relação com os documentos eletrônicos), como se a observação dos fenômenos arquivísticos não pudesse ser conduzida sem uma intenção puramente especulativa, sem fins práticos ou didáticos (tabelas de temporalidade, planos de classificação) [...]<sup>6</sup>.

Diante de tantas possibilidades, diversas concepções de agendas de pesquisa podem ser sugeridas. Nesta oportunidade, considerando elementos presentes na literatura arquivística e as tendências da área, alguns temas merecem reflexão com vistas a definição de programas de pesquisa. As sugestões a seguir encontram-se referidas, em especial, ao contexto brasileiro.

---

utilizarse en ámbitos individuales y al mismo tiempo en espacios sociales, pueden desde el momento de su creación servir de prueba para la entidad y formar parte del patrimonio documental del país”. Sobre o assunto, há literatura abundante. Ver, por exemplo: MCKEMMISH, S. *et al.* Describing records in context in the continuum: The Australian Recordkeeping Metadata Schema. *Archivaria*, n.48, p.8, 1999. Disponível em: <<http://infotech.monash.edu/research/groups/rcrg/publications/archiv01.html>>.

<sup>6</sup> Vale observar que a análise do autor tem como objeto as diferentes intervenções na jornada mencionada, apresentadas sobretudo por arquivistas franceses.

### 3.1 O PERFIL DA ATIVIDADE ARQUIVÍSTICA

Quais os profissionais que atuam no desenvolvimento de práticas arquivísticas? Quantos têm formação universitária específica em Arquivologia? Em quais universidades? Qual tipo de formação contínua esses profissionais desenvolvem? Quantos possuem pós-graduação *lato sensu* e *stricto sensu*? Em quais áreas? Quais são suas fontes de informação profissional? Qual a distribuição regional dessa comunidade profissional? Quais as faixas salariais? Qual o gênero? Qual a idade? Quantos atuam no setor público? Quantos atuam no setor privado? Que relações mantêm com as associações profissionais?

### 3.2 USOS E USUÁRIOS DA INFORMAÇÃO ARQUIVÍSTICA

Quais as características da relação arquivistas-usuários em variados contextos institucionais? Quais os usuários potenciais, porém não atendidos pelos arquivos? Por que e como tal situação ocorre? Quais as ações desenvolvidas pelos arquivos públicos, associações profissionais e universidades para ampliar o uso social dos arquivos? Quais os obstáculos e aspectos favoráveis ao uso social dos arquivos? Como se dá o uso das redes sociais pelos arquivos e vice-versa? Quem são os usos e usuários dos arquivos em diferentes contextos organizacionais, nos setores público e privado? Como se estruturam esses usos nesses diversos contextos? Qual o grau de satisfação dos usuários com os arquivos? Quais as demandas dos usuários em relação aos arquivos? Quais as alterações no atendimento ao usuário com o acesso a informações arquivísticas na internet? Quem é o arquivista de referência hoje?

### 3.3 GESTÃO DE SERVIÇOS E INSTITUIÇÕES ARQUIVÍSTICAS

Padrões de governança, estruturas organizacionais, competências formais, grau de autonomia financeira, gestão de pessoas, tecnologia, conservação, respaldo legal, infraestrutura física, tecnológica e humana, programas arquivísticos, etc.

### **3.4 ARQUIVOS PRIVADOS**

Tipologias, enquadramento legal, padrões de gestão arquivística, mecanismos de acesso e divulgação, relações com as políticas públicas, etc.

### **3.5 PRESERVAÇÃO**

Planejamento e políticas, reformatação de acervos, documentos ‘convencionais’, documentos digitais, degradação de suportes, impactos e alternativas à obsolescência tecnológica, digitalização, etc.

### **3.6 DOCUMENTOS DIGITAIS**

Produção, gestão, autenticidade, classificação, acessibilidade, avaliação, transferência, recolhimento, preservação, etc.

### **3.7 NORMALIZAÇÃO**

O quadro atual de normatividade, uso das normas, seu impacto e perspectivas futuras.

### **3.8 POLÍTICAS ARQUIVÍSTICAS**

Elaboração, formulação e avaliação de políticas arquivísticas: métodos, atores, obstáculos e elementos facilitadores. Entrecruzamento com outras políticas públicas no campo da informação.

### **3.9 A PERCEÇÃO SOCIAL DOS ARQUIVOS, DA ARQUIVOLOGIA E DOS ARQUIVISTAS**

Como são visualizados os arquivos e os arquivistas pela sociedade? Quais as ações desenvolvidas pelos arquivos públicos, associações profissionais e universidades para ampliar a percepção social dos arquivos, da Arquivologia e dos arquivistas?

### **3.10 ASSOCIATIVISMO**

Quantas são, como estão distribuídas regionalmente e como funcionam as associações profissionais da área? Quantos são os associados? Qual o perfil dos associados e dos quadros dirigentes? Quais as atividades desenvolvidas?

### **3.11 PRODUÇÃO E DIFUSÃO DE CONHECIMENTO ARQUIVÍSTICO**

Qual é a produção de conhecimento arquivístico da universidade, das instituições arquivísticas e organizações que gerenciam acervos arquivísticos permanentes? Quais os temas mais pesquisados? Quais os mecanismos de difusão desse conhecimento? Quais são a quantidade e o universo temático de trabalhos finais de graduação, dissertações, teses, anais de congressos, artigos de periódicos, livros, etc.? Qual a atuação das agências governamentais de apoio à pesquisa em relação à produção de conhecimento arquivístico?

### **3.12 DOCÊNCIA E DOCENTES EM ARQUIVOLOGIA**

Quantos são? Desde quando atuam na docência? Quantos possuem graduação em Arquivologia ou em outras áreas? Quantos possuem pós-graduação? Em quais áreas? Quais as experiências prévias no campo dos arquivos? Qual a distribuição regional dessa comunidade profissional? Quais as faixas salariais? Qual o gênero? Qual a idade? Quais as linhas de pesquisa? Quais os temas arquivísticos de maior ou menor interesse no ensino e pesquisa dos professores? Como e em quais unidades acadêmicas se inserem os cursos de Arquivologia? Qual a relação acadêmica desses cursos de Arquivologia com cursos de Biblioteconomia, História, Administração, etc.? Quais as lógicas estruturantes de treinamentos do tipo 'Arquivologia para concursos'? Qual o perfil dos seus docentes e alunos? Qual as características do material didático utilizado?

### 3.13 PROSPECTIVA ARQUIVÍSTICA

Como desenharmos hoje nossos programas de gerenciamento arquivístico, considerando as tendências emergentes e o cenário arquivístico atual? Quais as perspectivas, no caso brasileiro, de ampliação da formação de arquivistas em níveis de graduação e pós-graduação? Quais as tendências na pesquisa na área? Quais as tendências do associativismo? Quais as tendências na forma pela qual os arquivos são visualizados pela sociedade?

A estas questões, podem ser reunidas outras indagações sugeridas por Martín-Pozuelo (2010, p.211):

- ¿Está la teoría archivística preparada para encarar el futuro?
- ¿Le servirán los conceptos y principios en los que hoy fundamenta su praxis?
- ¿Debe ampliar su campo de relaciones científicas?
- ¿Sus actuales relaciones serán suficientes en un futuro?
- ¿Con qué otras áreas de conocimiento su relación es necesaria, recomendable y/o imprescindible?
- ¿Cuáles han de ser sus nuevos campos y líneas de investigación?
- ¿Qué capacidades científicas ha de tener el futuro profesional?
- ¿Cómo se formará el futuro investigador en archivística?
- ¿Qué proyectos de investigación debe emprender para encarar el futuro?
- ¿Cómo, dónde se difundirán los resultados?
- Las publicaciones actuales ¿son suficientes?, ¿tienen la calidad necesaria?, ¿la suficiente difusión?
- ¿De qué recursos disfrutará? ¿Cómo, dónde, de quién ha de buscarlos?
- ¿Con qué apoyo político debe contar su I+D?

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seja qual for a concepção de Arquivologia – como ciência consolidada, ciência em formação ou disciplina científica – a pesquisa na área constitui a base fundamental para a sua renovação permanente.

A par dos avanços das duas últimas décadas, há vários caminhos a serem percorridos nas práticas de pesquisa em Arquivologia. Somos

convidados a refletir, cada vez mais, sobre seus pressupostos epistemológicos, diálogos interdisciplinares, aspectos metodológicos, objetos, etc.

Essa tarefa impõe desafios complexos aos profissionais que produzem conhecimento arquivístico em diversos contextos institucionais. Como tal, tem implicação direta nos modelos e práticas de formação do arquivista na graduação e na pós-graduação, tarefa que as universidades têm como missão. Tal missão, no entanto, parece ganhar contornos mais nítidos quando favorecida pelos diálogos entre a universidade e instituições e serviços arquivísticos. Se a autonomia da Arquivologia contemporânea não deve ser confundida com insulamento epistemológico, tampouco os centros universitários de ensino e pesquisa em Arquivologia podem prescindir da interação com a realidade social mais ampla, seus modos de produção e uso dos arquivos.

Adjetivada de acordo com peculiaridades nacionais e ocasionais, como ‘integrada’, ‘pós-custodial’, ‘sistêmica’, etc., a Arquivologia contemporânea terá que ser cada vez mais dialógica.

A construção de agendas de pesquisa requer a produção de conhecimento arquivístico não apenas em programas de pós-graduação que podem, por motivações científicas ou políticos-institucionais, favorecer a interdisciplinaridade da Arquivologia. É fundamental que se vivencie em programas de pós-graduação em Arquivologia a teoria e práticas da pesquisa com o enfrentamento de suas dificuldades e a busca pelos seus produtos. A busca pela interdisciplinaridade da Arquivologia na pesquisa desenvolvida em outras áreas do conhecimento resulta em frutos evidentes. No entanto, a dinâmica da Arquivologia contemporânea requer que essa perspectiva seja construída também nos espaços institucionais – universidades, instituições arquivísticas, centros de pesquisa – de produção de conhecimento arquivístico.

## REFERÊNCIAS

- BURGY, F.; ROTHET, B. La recherche en Archivistique: entretien avec le professeur Carol Couture. *Archives*, v.30, n.3-4, p.5-9, 1998-1999.
- COUTURE, C. La formation et la recherche en archivistique: éléments révélateurs de l'état de développement de l'archivistique contemporaine. Synthèse d'un projet de recherche. *Archives*, v.33, n.2, p.21-51, 2001-2002.
- COUTURE, C.; DUCHARME, D. La recherche en archivistique: un état de la question. *Archives*, v.30, n.3-4, p.11-38, 1998-1999.
- COUTURE, C.; DUCHARME, D. Research in Archival Science: A status report. *Archivaria*, n.59, p.41-67, 2005.
- GILLILAND, A.; MCKEMMISH, S. Building an infrastructure for archival research. *Archival Science*, v.4, n.3-4, p.149-197, 2004.
- GRACY, D. B. Columbus revisited: The status of archival research around the world in 1992. *Archivum*, v.39, p.520-525, 1994.
- HECKHAUSEN, H. Discipline and Interdisciplinarity. In: OCDE/CERI. *L'Interdisciplinarité: problèmes enseignement et de recherche dans les universités*. Paris: OCDE, 1972.
- HERNÁNDEZ OLIVERA, L. et al. La investigación en la archivística contemporánea: una aproximación a la investigación científica a través de las tesis doctorales. In: JARDIM, J. M.; MARIZ, A. C. de A.; SILVA, S. A. *Novas dimensões do ensino e da pesquisa em Arquivologia*. Rio de Janeiro: Mobile/AAERJ, 2012.
- HOTTIN, C. L'archivistique est-elle une science? Réactions aux journées d'études organisées par l'École des chartes et l'Association des archivists français à la Sorbonne (salle Louis-Liard) les 30 et 31 janvier 2003. *Labyrinthe*, n.16, p.99-105, 2003.
- LOPES GOMEZ, P. Los Archiveros y sus investigaciones. *Métodos de Información*, v.5, n.22-23, p.37-43, Ene./Mar., 1998.
- MAHEU, C. d'Á. *Interdisciplinaridade e mediação pedagógica*. Disponível em: <www.nuppead.unifacs.br/artigos/interdisciplinaridade.pdf?>. Acesso em: 9 jun. 2008.
- MARQUES, A. A. da C. *Interlocuções entre a arquivologia nacional e a internacional no delineamento da disciplina no Brasil*. 2011. 399f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília 2011.
- MARTÍN-POZUELO, M. P. Prospectiva archivística: nuevas cuestiones, enfoques y métodos de investigación científica. *Revista Española de Documentación Científica*, v.33, n.2, p.201-224, Abr./Jun., 2010.
- PEDERSON, A. E. Development of research programs. In: CONGRÈS INTERNATIONAL DES ARCHIVES, 12., 1992, Montreal. *Actes...* Munchen, 1994.
- POMBO, O. Interdisciplinaridade e integração dos saberes. *Liinc em Revista*, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.4-16, 2005.